

SEMANA RELIGIOSA

BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

Sexta feira 3 de Janeiro de 1879

IV VOL. N.º 189.



BRAGA :

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua Nova n.º 4

1879

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebispado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, e que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidioces Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados n' esse mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de Maio de 1875.

João, Arcebispo Primaz.

A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

Desejando Nós ajuntar os materiaes necessarios para a continuação da Historia d'esta Nossa Archidiocese de Braga, Primaz das Hespanhas, feita pelo Nosso Exc.^{mo} Antecessor, D. Rodrigo da Cunha, e sendo as Pastoraes, Provisões e Portarias dos Prelados sobre medidas geraes, um elemento indispensavel para esta historia, o qual achando-se disperso por varios archivos e cartorios das Igrejas d'este Arcebispado, muito convem que se collija e mande publicar pela imprensa;

Havemos por bem Ordenar que os Nossos Muito Revd.^{os} Vigarios Geraes e Arciprestes, cada um em seu districto Ecclesiastico, peçam aos Revd.^{os} Parochos uma synopse de todas as Pastoraes, Provisões e Portarias dos Nossos Exc.^{mos} Antecessores sobre medidas geraes, e que depois de colligidas estas informações, as remetam á Nossa Secretaria particular, acompanhadas de quaesquer observações, que julguem conveniente fazer sobre materia tão importante, o que muito lhes recomendamos.

Paço 1 de Janeiro de 1879.

João, Arcebispo Primaz.

PARTE OFFICIAL

Ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça

DIRECÇÃO GERAL DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS

1.^a Repartição

Presbyteros apresentados pelos decretos de 13 e 16 de Dezembro.

O presbytero José Pereira Duarte, apresentado, na igreja parochial de Nossa Senhora dos Milagres, no concelho e ilha do Corvo, diocese de Angra.

O presbytero João Carlos do Miranda Paiva, parochos na igreja de Santo André de Machinhata de Seiça, diocese de Aveiro, apresentado na igreja parochial de S. Salvador de Covão do Lobo, no concelho de Vagos, da mesma diocese.

O presbytero José Ferreira dos Santos, parochos collado na igreja de Sant'Iago do Prestimo, diocese de Aveiro, apresentado na igreja parochial de S. Mamede da Castanheira do Vouga, no concelho de Agueda, da mesma diocese.

O presbytero João Gomes dos Santos, parochos collado na igreja de Santa Maria de Lamas, diocese de Aveiro, apresentado na igreja parochial do Salvador de Trofa, no concelho de Agueda, da mesma diocese.

O presbytero Antomo dos Santos Pereira e Castro, apresentado na igreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção da Torre de Moncorvo, no concelho de Moncorvo, diocese primaz de Braga.

O presbytero João José de Mattos Ferreira, apresentado na igreja parochial de Santa Maria de Achete, no concelho de Santarem, diocese de Lisboa.

SECÇÃO RELIGIOSA

A festa da Epiphania.

Vidimus stellam ejus in oriente, et venimus adorare eum.

(S. Math. cap. 2.º v. 2.º).

Seis dias depois da Circumcisão de Nosso Senhor, celebra a Igreja a festa da Epiphania.

Esta festa, que, segundo a significação da palavra epiphania, designa a aparição ou a manifestação do Senhor no mundo, tem sido sempre considerada como uma das principaes e das mais solemnes do anno.

E assim devia de ser, porque é hoje o ditoso dia em que a Igreja celebra o mysterio de nossa vocação; dia em que Nosso Senhor, pouco tempo depois do seu nascimento, fez apparecer uma estrella, que deu a conhecer aos Magos que era nascido o Salvador, que vinha arrancar-nos do poder do principe das trevas, tornando-nos seus filhos, e abrindo nos as portas do céu.

E com effeito, tendo-se o Filho de Deus revestido da natureza humana, para salvação de todos os homens, era sem duvida mui conveniente que Elle se manifestasse, desde sua entrada no mundo, não só ao povo judaico, já esclarecido sobre este ponto pela lei e os prophetas, mas tambem aos Gentios, que viviam na ignorancia e infidelidade, afim de que, dissipadas as trevas em que jaziam envoltos, se reunissem no conhecimento e culto d'um só Deus verdadeiro.

E' debaixo d'este ponto de vista que Elle não demora chamar junto de seu herço o céu e a terra, os anjos e os homens, os sabios e os ignorantes, os ricos e os pobres, os reis e os pastores, afim de os obrigar juntamente a lhe renderem as homenagens que lhe eram devidas como a seu soberano Senhor.

E aqui convem notar que as santas Escripturas tinham claramente annuciado este mysterio; sim, os psalmos de David em particular, e as prophecias de Isaías, mostram-nos antes a imagem e a descripção d'elle, que a predição ou a promessa.

Mas como o nascimento d'este Divino Salvador fôra annuciado aos judeus e aos pastores pelo ministerio d'um anjo, que para isso recebeu ordem do céu; foi tambem Elle descoberto aos Gentios, na pessoa dos Magos, por um astro miraculoso que Deus formou de proposito para esse fim.

Estas illustres personagens, dados ao estudo da astronomia, e verçados no conhecimento das tradições antigas, reconheceram na estrella miraculosa aquella estrella predicta quinze seculos antes por Balaam.

Porisso, sem os deter nem o rigor da estação, nem a difficuldade dos caminhos, nem os precipicios que tinham a evitar, elles deixam de boamente os prazeres de uma vida socegada em seus paizes, paraprehenderem uma viagem longa e penosa ao paiz estrangeiro.

Cheios d'uma fé viva, não obstante ignorarem o lugar onde ti-

nha nascido o Verbo Incarnado, e o caminho que deviam seguir para lá chegar, elles se depositam inteiramente nas mãos de Deus, que não deixou de auxiliar e favorecer seu generoso designio.

E assim é que desde o começo de sua viagem, deu-lhes, para os guiar, uma estrella á qual um anjo imprimia o movimento necessario, caminhando diante d'elles.

Tendo continuamente seus olhos fixos n'ella, seguiam-na sem se desviarem nem para a direita nem para a esquerda, parando quando ella parava, e caminhando quando ella caminhava, quer por montes, quer por valles.

Eil-os, pois, chegados ás proximidades de Jerusalem, onde Deus quiz que a estrella que até alli os tinha conduzido, por então lhes desaparecesse : isto já para experimentar sua fé, que elles conservaram inabalavel, e já para os obrigar a consultarem os doutores da lei que se achavam n'aquella cidade.

Assim o fizeram, perguntando-lhes ousadamente : Aonde está Aquelle que nasceu Rei dos judeus ? ! *Ubi est qui natus et rex judeorum ?*

Herodes, tendo noticia de que o Rei dos judeus era nascido, temendo perder a sua coroa, juntou os doutores da lei para saber d'elles qual o lugar em que o Messias devia nascer :— Responderam-lhe que era em Bethlem de Judá, segundo esta palavra da propheta Micheas :

E tu, Bethlem, terra de Judá, tu não és a menor entre as cidades de Judá ; porque de ti hade sahir o Chefe que deve conduzir o meu povo de Israel. (Mich. cap. 5.º v. 2.º).

D'esta sorte orientados os Magos ácerca do lugar do nascimento de Jesus, sahiram de Jerusalem, e continuaram sua viagem com maior fervor, e um desejo mais ardente de ver o Rei recém-nascido.

No mesmo momento em que sahiam d'aquella cidade, appareceu-lhes de novo a estrella, o que os encheu de extraordinaria alegria, admirando o cuidado que Deus tomava por elles, e conhecendo quanto sua viagem lhe era agradável, pois que Elle a favorecia com um milagre continuo.

Chegados a Bethlem, a estrella parou em cima do lugar onde havia nascido o Menino Jesus. Então, penetrados de espanto ao verem parar o astro luminoso sobre um pobre estabulo, e não podendo naturalmente persuadir-se que um Rei estivesse tão miseravelmente alojado, esclarecidos pela fé, comprehenderam que a grandeza d'este Rei não consistia nas honras e magnificencias humanas, mas no desprezo dos bens da terra.

N'este pensamento entraram, e prostrando-se diante d'Elle até á terra, adoraram-no com um profundo respeito ; e, abrindo seus thesouros, offereceram-lhe, por presentes, ouro, incenso e myrrha : ouro para honrar sua realza ; incenso, para render homenagem á sua divindade ; myrrha, para significar sua vida passivel e mortal.

E' assim que toda a tradição tem entendido e explicado as disposições dos Magos. A mesma Igreja auctorisa manifestamente esta crença, na collecta d'este dia, tomada do *Sacramento de S. Gregorio*, em que se diz expressamente que Deus revelou aos Magos... seu Filho unico, pela luz da estrella : *Deus qui, hodierna die, Unigenitum tuum gentibus, stella duce, revelasti.*

Depois de terem rendido seus respeitos a este soberano Senhor, e conversado por algum tempo com a SS. Virgem, e S. José, os Magos, indecisos sobre se deviam voltar por Jerusalem, como tinham promettido a Herodes, foram avisados em sonho para seguirem outro caminho.

Obedientes á voz de Deus, tendo recebido a benção do Filho e da Mãe, conduzidos pela mesma mão que os tinha guiado até Bethlem, voltaram aos seus paizes, onde fizeram conhecer a seus povos o que tinham visto e ouvido das maravilhas do Verbo Incarnado, terminando o resto de sua vida com uma feliz e santa morte.

E agora que nos cumpre fazer para dignamente celebrarmos esta grande festa? Cumpre que assistamos aos officios d'este dia, em espirito de reconhecimento pelo beneficio inestimavel de nossa vocação á fé, na pessoa dos Magos; olhando esta divina luz, como a estrella celeste que Deus faz brilhar a nossos olhos, para nos dirigir pelo caminho da salvação.

Em reconhecimento d'este grande beneficio, offereçamos hoje a Nosso Senhor alguns presentes, á imitação dos Magos.

Sim, offereçamos-lhe o *ouro* da caridade, por uma sincera pro-
testação de nossa dedicação ao seu serviço; o *incenso* de nossas orações, pela firme resolução de nos renovarmos no espirito de oração e do recolhimento; e, enfim, a *myrrha* da mortificação praticando, n'esta semana, alguns actos de penitencia interior ou exterior.

A. e B.

Tradusimos do excellente periodico francez *L'Ami du Clergé* o seguinte artigo, ou conferencia liturgica :

O Natal.

As *antiphonas maiores* que se recitam no officio divino antes do Natal, merecem alguma explicação. São ellas em numero de sete, e formam com a da vespera de Natal uma especie d'oitava preparatoria para a celebração d'esta grande festa. O Natal é a unica festa christã, que é precedida d'uma oitava, pois as das outras são sempre subsequentes.

Na volta do captiveiro de Babylonia os Hebreus instituiram certas preces para serem recitadas todos os dias pelos fieis, commemorativas dos principaes factos da sagrada historia, e tinham como as *antiphonas* do Natal, mais o caracter d'admiração do que de supplica.

Se nós tomarinos a primeira letra de cada uma das *antiphonas* maiores, começando da ultima até á primeira, e deixando a interjeição —O'—formam-se as palavras—*Ero Cras*—, que são repetidas muitas vezes no officio da Vigilia.

Estas *antiphonas* são recitadas não a *Benedictus*, que é o canto especial do Advento, mas a *Magnificat* de vespera, porque, como diz Durando, Christo manifestou-se *ad mundi vesperam*.

A explicação que dá Honorio é a seguinte :

Christo é chamado :

1.^o *Sapientia*, porque elle vem no espirito de sabedoria.

2.º *Adonai*, que é o nome debaixo do qual se fez conhecer a Moisés dando-lhe a lei, e resgatando-nos pelo *espírito de intelligencia*.

3.º *Radix Jesse in signum populorum*, é este signal o da cruz por meio do qual nos veio libertar com o *espírito de conselho*.

4.º *Clavis David*, que abre o céu, e fecha o inferno com o *espírito de fortaleza*.

5.º *Oriens*, que nos esclareceu com o *espírito de sciencia*.

6.º *Rex gentium et lapis angularis*, que salva a todos com o *espírito de temor* e dando a todos a unção da caridade.

A celebração das três missas do Natal é um vestigio d'antiga disciplina, que permittia reiterar o santo sacrificio nos dias das grandes solemnidades.

O Papa S. Telesphoro, que viveu no meado do segundo seculo, é geralmente reputado como o instituidor da missa de noite. Um antigo *Ordo romano* diz assim—*Telesphorus Papa pervigiles nos malens fore tres missas celebrare fecit*. Alcuino, Baban-Mauro, Walafrid-Strabão, Amalere, e outros liturgistas designam igualmente S. Telesphoro. Walafrid-Strabão e Durando attribuem ao mesmo Papa a instituição das tres missas. Esta é hoje a opinião commum.

Os orientaes não se acham auctorizados para celebrar estas tres missas no dia de Natal; é este um privilegio da Igreja Latina. Bento XIV publicou uma Encyclica na qual designa alguns d'elles que podem tambem fazer uso d'este privilegio.

Estarão os fieis obrigados a assistir ás tres missas do Natal?

Questionou-se sobre este ponto. O sabio liturgista Beletus em seu tratado *de divinis officiis*, cap. 64, é d'opinião que os fieis tem uma verdadeira obrigação d'assistir ás tres missas do Natal. Pelo outro lado como nem o direito, nem o uso contem a expressão d'este dever, os theologos e os canonistas ensinam commumente que se cumpre o preceito ecclesiastico com a assistencia a uma só missa, quer seja a da noite, quer seja a do dia.

Estarão os sacerdotes obrigados tambem a celebrar as tres missas? E' necessario distinguir.

Os sacerdotes que não tem cura d'almas não estão de maneira alguma obrigados a celebrar as tres missas; é um privilegio de que podem usar se quizerem, mas que nunca pode ter o caracter d'obrigação religiosa.

Poderá dizer-se o mesmo dos parochos?

Um cura d'almas, quando for o unico sacerdote na parochia, estará dispensado de celebrar as tres missas?

Os fieis que desejam solemnizar a grande festa do Natal, assistindo ás tres missas, segundo a intenção e uso universal da Igreja, não terão o direito de reclamar de seu parochos as tres missas auctorizadas pela Igreja, e não se escandalizarão se um desejo tão legitimo, e uma esperanza tão piedosa, não forem satisfeitos sem um motivo mui grave?

Estas perguntas parecem exigir uma resposta affirmativa.

E na verdade, posto que muitos theologos e canonistas não admittem esta obrigação rigorosa, o sabio Papa Bento XIV inclina-se claramente para o sentimento opposto, e no seu immortal tratado *de sá-*

crifício missæ reconhece nos curas d'almas uma especie de obrigação de celebrar as tres missas.

Um dos pontos *inviolaveis* da disciplina ecclesiastica é—*que o sacerdote que por permissão de seu Bispo celebra duas missas, não possa receber esmola pela segunda missa*—. A Santa Sé tem-se mostrado sempre rigorosissima sobre este ponto, principalmente ha vinte annos para cá. Porém as tres missas do Natal fazem uma excepção n'este ponto. Não ha duvida alguma de que os sacerdotes podem applicar cada uma das tres missas segundo a intenção d'um benfeitor, que lhes dá a esmola.

Esta faculdade baseia-se na pratica universal da Igreja.

Isto porém se entende dos sacerdotes que não tem cura d'almas.

Os parochos ou curas d'almas estam evidentemente obrigados a applicar uma das tres missas por seus parochianos, ou *pro populo*; mas nunca se disse que elles fossem obrigados a applicar todas as tres; são porém dignos d'elogio se o fizerem, mas a Igreja não lhes impõe este dever; e portanto podem receber a esmola das outras duas missas.

Nos oratorios domesticos, que tem sido concedidos para pessoas doentes, é permitido celebrar as tres missas do Natal; mas não durante a noite, porque os ditos oratorios estão comprehendidos na prohibição geral da celebração das missas resadas na noite de Natal.

Em quanto aos outros oratorios domesticos concedidos por outros motivos, é rigorosamente prohibido o celebrar n'elles o santo sacrificio no dia de Natal e ainda em mais algumas festas do anno. E' esta uma regra geral prescripta pelo decreto da s. cong. dos Ritos de 17 de Novembro de 1607.

A missa solemne não pode ser celebrada antes da meia noite.

A Bulla de S. Pio V de 29 de Março de 1566, aboliu e supprimiu a perpetuidade das missas nocturnas.

Esta é a razão porque a missa do sabbado santo, e d'outras vigílias foram transferidas para de manhã sendo antes celebradas de noite.

Nas rubricas do missal romano, publicado pouco tempo depois S. Pio V não faz excepção a este respeito senão da missa do Natal. Eis a razão porque os liturgistas ensinam que a primeira missa do Natal não pode ser começada a celebrar antes da meia noite.

Algumas Igrejas de Venesa obtiveram da santa Sé o privilegio de celebrar a primeira missa ás 10 horas da tarde ou noite; mas o celebrante deve observar um rigoroso jejum durante todo o dia, 24 de Dezembro; nem mesmo pode tomar as *abluições* na missa da vigilia. O Breve Veneziano publicado todos os annos por ordem do Patriarcha traz expressa sempre a obrigação do rigoroso jejum durante todo o dia 24 de Dezembro.

Alguns sacerdotes, sobre tudo nas grandes cidades, celebram as tres missas durante a noite para depois poderem fazer a *consoada*: será isto permitido?

A resposta a esta questão acha-se em grande numero de decretos da sagrada cong. dos Ritos. (1)

(1) Isto é expressamente prohibido por muitos decretos da s. cong. Não pode celebrar-se de noite senão uma missa cantada, e nada mais.

Em Roma os fieis não commungam na missa de noite. O Cardeal Vigario publica todos os annos uma ordem em que lembra a prohibição de communhão na noite de Natal.

Este uso é da mais remota antiguidade. Os antigos Pontificaes da capella Pontificia declaram expressamente que n'esta missa de noite só o Papa communga=*hac nocte solus Papa communicat*=. O diacono e subdiacono que officiam á missa da meia noite, não tem permissão de commungar.

Os fieis de Roma que desejam commungar á missa de meia noite, devem para isso procurar um indulto particular; que se não concede se não para o anno corrente. Este indulto é ordinariamente concedido com muitas clausulas restrictivas. Os estrangeiros e principalmente os religiosos d'origem franceza estabelecidos em Roma não podem conformar-se com o uso de não commungar á missa da meia noite.

Nossos leitores sabem que é uso em grande parte das dioceses de França o commungar á missa de meia noite; e no começo d'este seculo se foi introducindo este costume nas provincias do meio dia, onde até alli era desconhecido. A Santa Sé em sua alta sabedoria tem mostrado indulgencia a este respeito. Desde uma certa epocha para cá, tem concedido certas dispensas á lei geral que prohibe n'esta noite communhão; e os indultos tem sido concedidos=*ad triennium*, não perpetuamente.

Explica-se facilmente a rasão porque a Igreja Romana não favorece a communhão á missa da meia noite.

Esta missa não foi instituida para honrar a santa Eucharistia, mas em memoria do nascimento de Nosso Salvador, e para honrar a humiliação de Deus feito homem para nossa salvação.

N'este caso ha uma especie de inconveniencia em se apresentarem á santa mesa os fieis depois d'um banquete extraordinario que tem logar na tarde de vigilia do Natal. Emfim as pessoas que commungam á meia noite privam-se da communhão no proprio, ou mais proprio, dia de Natal. Estes são os inconvenientes que a classica *consoada* não poderá recompensar.

O anno que findou e o anno que principia.

Passou á historia o anno de 1878.

Como uma gota d'agoa no seio do oceano, caiu elle na voragem insondavel dos tempos.

Expirou como os que o precederam, e como elles lega tambem a sua herança aos que vão succeder-lhe.

Infelizmente porém, essa herança traz encargos pesadissimos para o anno que agora começa, e de cujo cumprimento reis e povos serão os unicos responsaveis perante Deus.

Amargurado foi o anno que findou para a sociedade em geral e para os catholicos em particular; aquella porque sentiu os primeiros abalos da anarchia que promete esfacelal-a; estes porque no meio dos soffrimentos a que são constrangidos pela systematica perseguição da impiedade, tiveram que chorar a morte do mais assignalado dos Papas— Pio IX o Grande.

Os catholicos porém oram, confiam e esperam.

E por isso é que as suas lagrimas, quando correm abundantes, são sempre o preludio de novas consolações.

A Igreja chorou por pouco tempo a sua viuvez.

E quando todos se preocupavam com o futuro de seus filhos orphãos, a prodigiosa eleição de Leão XIII veio mostrar uma vez mais, como Deus, quando lhe apraz, sabe frustrar os calculos dos homens.

A memoria de Pio IX não se desvaneceu, nem se desvanecerá, porque ha de ser eterna como a admiração que inspirou sempre a sua grandeza moral; mas os catholicos estão compensados da sua falta.

Não assim já a sociedade, que, desnordeada, segue caminho de sua ruina.

Quem dirá, que as entradas do novo anno são mais auspiciosas do que o fôram as do anno que passou?

A guerra do Oriente, esse negrume, que apparece no turbado horisonte da Europa, teve apenas o seu armistício em Berlim, para logo recommear com igual violencia no Afghanistan.

A Austria lá vae sacrificando os seus soldados á occupação da Bosnia.

E a Europa em vão suspira por essa tão apregoada pacificação.

O novo anno terá talvez que resolver este problema, tão complicado pelos desvarios da Turquia e pelo egoismo das potencias; mas quem ousará prever o modo como será dada essa resolução e as consequencias que d'ahi hão de necessariamente advir?

Bem para receiar são ellas por certo, se attentarmos ao estado em que se encontra a sociedade, enervada pelos prazeres, corroida pelas paixões, gangrenada pelo vicio.

Alguns factos, occorridos nos ultimos mezes do anno em diferentes paizes da Europa, accusam evidentemente este estado de decaimento moral dos povos.

E comtudo esses factos não foram mais que os primeiros ensaios de um drama terrivel que ha muito se está elaborando nas trevas.

São como avisos aos governos, á sombra de cuja politica tem medrado a enfermidade que os produziu.

Da apostasia geral das nações nasceu a desordem que as tem aruinado.

E Deus sabe até que extremos chegará ella, se não curarmos todos nos meios de atalhar-a.

Esses meios são menos as leis repressivas, votadas, ha mezes na Allemanha, do que o reinado social de Nosso Senhor Jesus Christo, que é necessario restabelecer, quanto antes, entre os homens.

Sob este ponto de vista não veio encontrar-nos o novo anno a nós, os portuguezes, em melhores circumstancias, do que estão os povos estrangeiros.

Os repetidos abusos de confiança e frequentes attentados contra o pudor, as insidias de todo o genero com o seu longo cortejo de roubos e delapidações, são prova bastante de que o nivel moral, entre nós, não está mais alto do que em qualquer dos paizes estrangeiros.

E como não hade ser assim, se a causa é a mesma?

Despresadores tambem dos verdadeiros principios que fundamentam

a moral social, não devemos estranhar o sermos levados na corrente que vae arrastando as demais nações para a sua completa ruina.

E se juntarmos a tudo isto a nossa miseria publica aggravada ainda pela extraordinaria escassez da agricultura no anno decorrido, teremos um quadro fiel do estado em que principia para nós o novo anno, e que deveremos levar em conta do muito de que somos devedores á justiça divina offendida.

Assim todos se convençam d'esta verdade, para que por uma verdadeira união d'esforços, reconduzindo-nos ao caminho da verdade, possamos collocar-nos ao abrigo da tormenta que ameaça submergir todos os povos n'um pelago de sangue.

Para tanto, pouco basta.

Um pequeno sacrificio das paixões que nos aviltam, em obediencia á lei divina, que nos ennobrece, chegará a salvar-nos do naufragio.

Não presenciará o novo anno este reviramento?

Tanto peor para nós, que elle hade effectuar-se um dia, embora á custa porventura de bem amargos desenganos.

M. Marinho.

A musica profana e o canto gregoriano.

Ha dez annos, se verificou nos Estados-Unidos uma reacção contra a musica mundana que lá, como em toda a parte, tinha invadido as egrejas catholicas. Um tal inconveniente se explica facilmente. Sendo a maior parte das parochias de recente origem, era necessario contentarem-se com os serviços dos individuos ou associações que tinham aprendido a musica moderna, mas não conheciam o canto sacro. Depois as composições de Mozart, Mercadante e tantos outros podiam bem realçar em certo modo o esplendor da liturgia catholica, mas sacrificavam o espirito, espirito de oração e de louvor a Deus.

Para reparar este abuso alguns catholicos zelosos mostraram-se sollicitos em dar a devida honra ao canto ecclesiastico gregoriano, que é a unica verdadeira musica da Igreja Romana. Para tal fim alguns padres e seculares allemães estabeleceram em Milwaukére a Sociedade de Santa Cecilia, que ha annos publica uma Revista mensal que se occupa de musica sacra, com o fim de lhe dar novamente o character religioso que tem perdido. Muitos Bispos americanos approvaram esta Sociedade.

Uma outra reforma mais radical quiz introduzir no canto sagrado a Sociedade de S. Gregorio, instituida ha dois annos pelo Rev. A. Young da Congregação de S. Paulo de Nova York, que a preside, e pelo Rev. J. Trueg de Westmoreland (Pensilvania), beneditino, que é o seu vice-presidente. Estes dois doutores sacerdotes querem estabelecer completamente o canto gregoriano na America. Já na igreja de S. Paulo, em Nova York, sessenta coristas sob a direcção do P. Young cantam o canto-chão com grande louvor. Mais de trinta Bispos dos Estados-Unidos approvaram a Sociedade, que recebeu do Em.^{mo} Cardeal Martinelli, Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, a seguinte carta:

Reverendissimo Senhor.—Foi certamente gratissimo a esta Con-

gregação dos Ritos conhecer pela Vossa carta a recente fundação n'esse paiz d'uma Sociedade de S. Gregorio, cujo fim é cultivar com maior cuidado o canto ecclesiastico, tanto na celebração dos divinos louvores como no cumprimento dos sagrados ritos, e tornar a collocar-o no seu antigo posto de honra. Como, principalmente nos nossos dias, prevaleceu o reprovado uso de fazer ouvir na Casa de Deus não já melodias, que elevem o coração dos fieis ás coisas celestes, mas antes concertos profanos, que servem sómente de agradar ao ouvido, não se pôde louvar superabundantemente a vossa obra, destinada a fazer progredir o estudo e o uso do verdadeiro canto gregoriano. Prosegui por isso com ardor na obra começada, e fizeti todos os esforços para ser realizado o nobre fim que tem em vista a vossa Associação. Os estatutos da Vossa Sociedade, apresentados a esta Sagrada Congregação, mereceram a mais completa approvação, e a mesma Sagrada Congregação espera que o canto gregoriano, que parecia cahido em desuso, reflorêscerá pelo vosso zelo na Casa do Senhor, em decoro do culto divino e para bem espiritual dos fieis. Certamente Deus não deixará de favorecer com a sua graça uma empresa tão santa, e S. Gregorio que tanto trabalhou pelo decoro do canto ecclesiastico não vos recusará o seu concurso. Rev.^{mo} Snr.—tende a bondade de fazer conhecer a toda a Sociedade o elogio que lhe tributa a Sagrada Congregação. E fazendo sinceros votos pelo vosso bem, sou

Fr. Th. Card. Martinelli

Pref. da S. C. R.

LITTERATURA.

O PUNHAL DO VESUVIO

ou

As victimas das Sociedades secretas.

I

A bordo da Italia.

A *Italia*, paquebote de ferro e a helice, da lotação de duas mil toneladas, fendia as agoas pacificas do golfo de Lion, galgando suas doze milhas por hora.

Os passageiros, que eram numerosos, estavam grupados no convez em attitudes as mais diversas. Um observador teria alli feito profundos estudos phisionomicos. Emquanto os meridionaes: italianos, hespanhoes e provençaes, cantavam e dançavam ao som d'instrumentos, os inglezes, os hollandezes e os outros habitantes do norte, mais frios e mais positivos, conversavam, liam, ou se entregavam a graves e melancolicas meditações.

Alguns, debruçados na amurada, volviam distraidos olhares ás doiradas que retouçavam nas ondas ao redor do navio, ou seguiam no horizonte a marcha regular das grandes embarcações que cruzam ordinariamente n'estas paragens.

De subito retumbaram alegremente a bordo os gritos de :

Terra ! terra ! a França ! a França !

Fez-se um silencio solemne.

Todos os olhares se voltaram para o nordeste, onde uma linha azulada, pouco definida ainda, se mostrava ao nivel do mar.

Dois mancebos, assentados a distancia, estremeceram e levantaram-se precipitadamente.

Eram elles o principe Henrique de Caylus, e seu primo o conde Raul d'Armilly.

—Vês, caro Henrique—disse o estudante, apontando com a mão ; vês, é a costa de Provença, é a França, é a patria !

O filho do proscripto olhava em silencio. Experimentava uma commoção extrema : tinha humidos os olhos, e seu coração palpitava com violencia no opprimido peito.

A hora era solemne. Ella devia ter uma influencia decisiva sobre seu destino. Ia pisar pela primeira vez o solo da patria ; ia dizer adeus aos prazeres da juventude, para começar uma outra existencia. Além d'esta limpida toalha d'agoa, estava o desconhecido, estava o mysterio.

Tendo necessidade de se achar só consigo mesmo, Henrique desceu ao beliche. Raul seguia-o com o olhar, quando uma voz sonora se ergueu junto d'elle :

—Tu, a bordo da *Italia*, caro Raul !

O estudante voltou-se e exclamou, ao ver um mancebo, alto, pallido, distincto, que lhe estendia os braços :

—Tu, o caro Gastão !

—Eu mesmo, carissimo.

—E vens de Napoles ?

—Evidentemente.

—Não posso explicar como te não encontrei ainda a bordo.

—Nada mais simples.—eu não deixo a sala do jogo.

—Esta sequestração é voluntaria, sem duvida.

—Muito voluntaria, palavra d'honra.

—A rasão não ha de ser um mysterio ?

—De modo algum, encontrei a bordo Mayoub-Pacha, eis tudo.

—Mayoub-Pacha ?

—Sim, meu amigo. E' um alto diplomata de Byzancio que não desdenha de modo nenhum a nossa civilisação occidental.

—E jogas com esse bom turco ?

—Dia e noite ; é um verdadeiro frenesi. Bebemos, comemos e dormimos deante da mesa do jogo. Aproveito um instante de repouso que a fadiga o fórça a conceder-me, para vir respirar as brisas do largo. O meu descanso não será de longa duração. O ottomano deve andar já á minha procura para recomeçarmos a partida interrompida.

—Em que paiz travaste conhecimento com elle ?

—Em Constantinopla.

—N'esse caso vens da Turquia ?

—Das Indias, tocando successivamente em Pondichéry, em Aden, em Suez, em Constantinopla, na Grecia, em Malta, na Sicilia e finalmente em Napoles.

—Tu levas, é forçoso confessal-o, uma existencia cosmopolita.

—Tal é o meu destino. Recordas-te sem duvida de meu tio Felix, que tu conhecestes ainda ha pouco em Pariz, n'uma das suas viagens?

—Recordo-me bem.

—Pois esse caro tio succubiu, ha alguns mezes, aos ataques da febre amarella. Tive de ir a Chandernagor para liquidar os seus negocios. Não és capaz de adivinhar a singular surpresa que elle me reservava!

—Desherdou-te, porventura?

—A sua originalidade não foi até ahi! Sómente repartiu a sua fortuna entre minha irmã e eu.

—Tua irmã! Tens pois uma irmã?

—Eu tinha uma, mas esta pobre menina não pertence a este mundo; ou se existe ainda, a sua posição é horrivel, e temol-a perdida para sempre.

—Que queres tu dizer?

—Ai de mim! é uma historia bem triste.

—Tu vaes contar-m'a, espero-o.

—Da melhor vontade, se o meu diplomata me der tempo para isso. Serei breve, porque ella pouquissimo te pode interessar. Trata-se d'uma filhinha, d'uma pobre creança roubada. Ha cinco annos apenas a linda creatura alegrava o lar paternal com o seu palrar e sorrisos alegres.

Meu pae, como sabes, era um dos primeiros ourives da capital; pois elle orgulhava-se mais dos olhos azues, da tez de rosa da pequenina Bertha, do que das joias mais preciosas.

Um funesto acontecimento mudou em luto as alegrias da familia.

(Continúa)

PUBLICAÇÃO DA BULLA DA SANTA CRUZADA

Relação dos circulos em que ha de ter logar esta solemne publicação, relativa ao anno de 1879.

ARCIPRESTADO DE VILLA DO CONDE.

Cabeças de circulo	Dias e horas da publicação
Villa da Povia de Varzim	5 de Janeiro ás 3 horas da tarde.
Villa do Conde	6 de » ás 3 » da »
Locendos	12 de » ás 10 » da manhã.
Amorin	12 de » ás 3 » da tarde.
S. Pedro de Rates	19 de » ás 10 » da manhã.
Touguinhó	19 de » ás 2 » da tarde.

Povia de Varzim, 3 de Dezembro de 1878.

O Arcipreste,

Antonio José d'Antas da Gama.

Cabeças de circulo **Dias e horas da publicação**

COMARCA DE VILLA REAL.

S. Diniz de Villa Real	7 de	Janeiro	ás 11	horas	da manhã.
Ermello	8 de	»	ás 11	»	da »
Campeão	9 de	»	ás 10	»	da »
Torgueda	9 de	»	ás 2	»	da tarde.
Nogueira	13 de	»	ás 10	»	da manhã.
Poiães	13 de	»	ás 3	»	da tarde.
Abbaças	14 de	»	ás 10	»	da manhã.
Provesende	14 de	»	ás 3	»	da tarde.
Sabrosa	15 de	»	ás 10	»	da manhã.
S. Martinho d'Anta	15 de	»	ás 3	»	da tarde.
Villar de Maçada	16 de	»	ás 10	»	da manhã.
Villa Verde	16 de	»	ás 3	»	da tarde.
Lamares	17 de	»	ás 11	»	da manhã.

ARCIPRESTADO DE ALIJÓ

Sanfins do Douro	20 de	Janeiro	ás 12	horas	da manhã.
Favaíós	20 de	»	ás 4	»	da tarde.
Alijó	21 de	»	ás 10	»	da manhã.
S. Mamede	21 de	»	ás 3	»	da tarde.
Carlão	22 de	»	ás 10	»	da manhã.
Candedo	22 de	»	ás 4	»	da tarde.
Murça	23 de	»	ás 10	»	da manhã.
Pegarinhos	23 de	»	ás 3	»	da tarde.
Villa Chã	24 de	»	ás 10	»	da manhã.
Frihoso	24 de	»	ás 3	»	da tarde.

Villa Real, 21 de Dezembro de 1878.

O Vigario Geral da Comarca,

Francisco José Moreira de Carvalho.

ARCIPRESTADO DE BARCELLOS.

Barcellos	9 de	Janeiro	ás 10	horas	da manhã.
Gallegos	10 de	»	ás 10	»	da »
Roriz	10 de	»	ás 2	»	da tarde.
Carapêços	11 de	»	ás 10	»	da manhã.
Luintiães	11 de	»	ás 2	»	da tarde.
Forjães	12 de	»	ás 10	»	da manhã.
Villa-Cova	12 de	»	ás 2	»	da tarde.
Espozende	13 de	»	ás 10	»	da manhã.
Fão	13 de	»	ás 2	»	da tarde.
Christello	13 de	»	ás 10	»	da manhã.

Cabeças de circulo

Dias e horas da publicação

Faria	15 de Janeiro	às 2 horas da tarde.
Goios	16 de »	às 10 » da manhã.
Grimancellos	16 de »	às 3 » da tarde.
Silveiros	17 de »	às 10 » da manhã.
Sequiade	17 de »	às 2 » da tarde.
Villar de Frades	18 de »	às 10 » da manhã.

Barcellos, 27 de Dezembro de 1878.

O Arcipreste,

Manoel Marques Maciel.

NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS

Na terça feira d'esta semana, pelas 4 hoas da tarde, teve logar na Sé Cathedral, com a assistencia do Snr. Arcebispo Primaz um solemne *Te-Deum laudamus*, acompanhado a musica instrumental, para dar graças a Deus pelos beneficios que nos foram concedidos no anno de 1878.

Esta solemnidade encerra um grande pensamento christão, pois que por ella se attribue a Deus tudo o que n'este mundo acontece, ou seja por sua vontade, ou seja por sua permissão.

Sem Deus querer ou permittir, nada se faz.

A solemnidade d'este dia na Sé Cathedral confirma esta verdade; e quem é christão, não deixará de dar testemunho da sua fé e da sua piedade, indo assistir ao *Te-Deum laudamus*.

Em Lisboa foi sempre costume assistir a elle na Cathedral toda a Familia Real e seu sequito, e hom era que nas outras cidades este exemplo fosse seguido pelos grandes, que os pequenos não deixariam certamente de ir assistir, e Deus Nosso Senhor seria, como deve ser, louvado por todos os seculos e por todos os homens. Amen.

SUBSIDIO PARA O SOBERANO PONTIFICE.

Lista dos subscriptores e respectivas quantias para o fim supradito:

Transporte.	120\$030	reis
P. ^o Francisco Xavier de S. Carneiro de Guimarães	2\$250	»
Padre Francisco José Vieira, parochó de Asurei.	10815	»
Padre Antonio Joaquim Teixeira, de Guimarães.	1\$000	»
Somma.	125\$095	»